
Nise da Silveira: a mãe da humana-idade

Sonia Maria Marchi de Carvalho
Pedro Henrique Mendes Amparo

Não há dúvidas quanto à importância da contribuição da ^dra Nise Magalhães da Silveira para a psiquiatria brasileira e internacional.

Sua biografia antecipa as características de sua personalidade que marcariam a luta de uma vida inteira: filha única, nasceu em Maceió, em 15 de fevereiro de 1905. Aos 16 anos vai para Salvador estudar medicina. É a única mulher entre 157 alunos. Em 1927, após a morte de seu pai, segue sozinha para o Rio de Janeiro, onde inicia sua carreira.

Após concurso público, em 1933, começa a trabalhar no antigo Hospício da Praia Vermelha. Nesse mesmo ano, durante o governo Vargas, foi encarcerada durante 15 meses, por ter participado da União Feminina do Brasil, entidade de defesa dos direitos das mulheres, acusada de ser comunista.

Na ocasião, conviveu com Graciliano Ramos, Olga Benário e outros perseguidos políticos. Essa experiência exerceu papel importante em sua vida e em sua concepção de liberdade, o que influenciaria o desenvolvimento de seu trabalho com os pacientes confinados no hospital.

Liberta, porém afastada do serviço público, passa cerca de dez anos perambulando pelo Brasil, reassumindo, em 1944, seu posto no Centro Psiquiátrico em Engenho de Dentro. Ali, aos 39 anos, se vê diante da doença mental e dos tratamentos então usados na psiquiatria: o choque cardiazólico, o coma insulínico, o eletrochoque e a lobotomia. Quanto à psicofarmacoterapia, iniciada com os antipsicóticos nos anos 1950, Nise tinha ressalvas quanto ao seu uso exclusivo como forma de tratamento, focado na doença. Ela adotava o tratamento medicamentoso como

procedimento necessário para reorganizar os pacientes em surtos agudos, sem ser de modo excessivo, pois isso dificultava o trabalho dos doentes no ateliê.

Sua recusa em aceitar o modo violento como os doentes eram tratados levou-a a procurar por alternativas. Foi assim que lhe restou o setor de Terapia Ocupacional (TO), entendido, na época, como atividade essencialmente braçal. Estudou os fundamentos da Terapia Ocupacional aliando-os aos tratados da psiquiatria clássica de Kraepelin, Bleuler, Kurt Schneider, Hans Prinzhorn,¹ Eugene Minkowski, entre outros, a psicanálise de Freud, além da filosofia, literatura e as artes plásticas. Mas foi com a Psicologia Analítica, desenvolvida por C. G. Jung, que Nise da Silveira identificou os fundamentos teóricos que a ajudariam a compor seu trabalho no hospital.

Como a TO funcionava de maneira precária e sem fundamentação, organizou cursos de capacitação para os monitores (os cursos universitários em TO não existiam naquela época). As atividades do setor foram crescendo gradualmente e ele passou a ter, além da costura, sapataria, jardinagem, carpintaria, teatro, salão de beleza, e atividades expressivas como modelagem em argila, pintura etc.

Almir Mavignier, pintor e professor de arte, fora então contratado para trabalhar com os pacientes, recebendo incumbências para “realizar projetos para o jardim”.² O encontro dele com Nise da Silveira mudou o rumo das atividades oferecidas aos doentes. Mavignier organizou o ateliê de pintura, inaugurado em 1946. Os doentes trabalhavam diariamente das 10 às 14:30 e o resultado dessa iniciativa foi rápido: realizou-se uma primeira mostra do trabalho três meses depois de sua inauguração. Era o início de várias exposições, no Brasil e no exterior, que se sucederiam ao longo dos 54 anos subsequentes.

Em 1952, menos de dez anos após sua saída da prisão e de seu retorno ao hospital psiquiátrico, Nise e seus colaboradores fundaram o Museu do Inconsciente, que atualmente conta com um acervo de 350 mil obras, sendo ainda centro de pesquisa sobre o processo criativo e a loucura.

Durante as atividades no setor de terapia ocupacional, Nise percebeu uma espantosa criatividade nos doentes esquizofrênicos. A percepção de intensos afetos sob a aparência do clássico “embotamento”, descrito por Bleuler, fez com que procurasse uma explicação para isso, e, principalmente, uma maneira de abordar os conteúdos que emergiam nas manifestações artísticas destes doentes.

Em 1949, ela já descrevia o aparecimento de figuras circulares (mandalas) nos desenhos destes doentes sem conseguir, no entanto, aprofundar sua

1. Psiquiatra da Universidade de Heidelberg, publicou *Bildneri der Geisteskranken* em 1922, livro sobre as expressões artísticas da loucura.
2. Almir Mavignier dá seu depoimento sobre o início do ateliê de pintura no catálogo da Mostra do Redescobrimento – “Imagens do Inconsciente”, p. 247.

significação. Não compreendia o aparecimento de imagens “sadias” com outras que indicavam a “patologia” (cisão).

Em 1954, escreve a Jung enviando-lhe parte desse material e ele lhe confirma o caráter compensatório dessas mandalas e seu potencial de ordem, autocurativo. Em 1957, vai para o Instituto C. G. Jung em Küsnacht, Zurique, e frequenta o semestre de verão como preparação para a exposição dos trabalhos dos pacientes do Centro Psiquiátrico Nacional, no II Congresso Internacional de Psiquiatria, ocorrido em Zurique, no mesmo ano. A exposição “A esquizofrenia em imagens” tomou cinco salas e foi inaugurada pelo próprio Jung. Nise voltaria para Zurique nos anos 1961-62 e em 1964, amparada por bolsa cedida pela OMS.



Nise da Silveira e C.G. Jung
na sala das imagens arquetípicas



O Museu de Imagens do Inconsciente participou do II Congresso Internacional de Psiquiatria – Zurique 1957. A exposição foi aberta por C.G. Jung na manhã de 2 de setembro. Ele visitou toda a exposição, detendo-se particularmente na sala onde se encontravam as Mandalas, fazendo sobre o assunto comentários e interpretações.

A partir de seu contato com a psicologia analítica e sua análise pessoal com Marie Louise von Franz, colaboradora de Jung, os fundamentos teóricos de sua obra se fortaleceram e iniciou as pesquisas sobre mitos. O processo que se desenrolava a sua frente, observado através das imagens criadas no ateliê, era comparado aos mitos, às imagens de rituais de antigas civilizações, como propunha Jung, e os sentidos eram pouco a pouco decifrados. A mitologia também era um recurso utilizado na compreensão das atitudes dos pacientes no dia-a-dia. Em uma situação delicada com uma paciente comentou que a alternância de sua

candura e seus estados agitados, agressivos, lembravam muito a deusa egípcia Bastet, deusa associada à música, representada em sua forma cordial como uma gata, e na forma de leoa quando agressiva.

Dessa forma, os pacientes encontravam na dinâmica mítica uma imagem paralela a sua experiência e alguma compreensão se processava ainda que não o fosse pela via da racionalidade. A seu ver, esta atribuição de sentido mitológico rompia o isolamento que a experiência de afetos arcaicos impõe e os doentes podiam então se relacionar com sua própria dinâmica, sabendo-a contida no cosmos, mesmo que sua expressão acontecesse de forma caótica, intensa e aparentemente sem sentido.

Outra grande intuição da psiquiatra alagoana foi quanto ao papel positivo do ambiente acolhedor, não repressor, livre, no lidar com esquizofrênicos. Fariam parte desse “ambiente” pessoas, animais e objetos, tudo e todos que, enfim, fossem agentes catalisadores de afeto. Desnecessário dizer o esforço e a coragem que essa postura exigiu, se pensarmos na época em que suas iniciativas foram postas em prática.

Ao ver as imagens que Nise trazia do Brasil, em 1957, Jung imediatamente perguntou como era o ambiente onde os doentes viviam, pois lhe parecia que as cores que eles usavam nos trabalhos indicavam a percepção positiva que os doentes tinham dos co-terapeutas. Isto confirmou para Nise sua intuição sobre o importante papel do ambiente e do afeto acolhedor no processo de recuperação.³

Pode-se dizer que, quando reagiu ao ambiente hostil do hospital imposto aos doentes e se desenvolveu como ambiente facilitador e acolhedor, o setor de terapêutica ocupacional tornou-se o retrato vivo de uma abordagem revolucionária da psicose.

Apesar das importantes mudanças que se iniciaram com a introdução dos neurolépticos, Nise considerava que o número de egressos do hospital, entre 60-70%, continuava alto (Chang, 2001) e acreditava que algo precisava ser feito entre a alta hospitalar e o retorno do doente à vida em sociedade.

Seguindo este ideal de ambiente acolhedor, em 1956, Nise e um grupo de amigos fundam⁴ a Casa das Palmeiras, com o objetivo de servir de ponte entre o hospital e a sociedade, “... um pequeno território livre”, como ela definiu (Chang,

3. Da mesma maneira, John Weir Perry (1974), psiquiatra e analista junguiano, ao longo de seu trabalho com esquizofrênicos, concluiu que é fundamental para o processo de reestruturação psíquica poder vivenciar esses estados, de modo que o ambiente precisa se adaptar e permitir a evolução do processo, em vez de suprimi-lo. Perry (1987) também registrou nos delírios a presença de figuras ou estruturas circulares (mandalas).
4. A primeira diretoria teve como membros Alzira Lopes Cortes, Nise da Silveira, Maria Stela Braga, Lygia Loureiro da Cruz (Chang, 2001).

2001). Estimular a pessoa por meio de atividades individuais e grupais tem sido a tarefa da Casa desde seu início, há cinquenta anos, como tentativa de evitar as internações e reinternações.

O estudo sistemático da mitologia abriu a oportunidade de trocas entre o grupo de profissionais formado em torno de Nise e estudiosos das mais variadas áreas, o que gerou a revista *Quatérnio* e o Grupo de Estudos do Museu de Imagens do Inconsciente, em 1968.

Nesse mesmo ano, Nise publicou o livro *Jung, vida e obra* introduzindo a obra do psiquiatra suíço no Brasil. Ao compreender a importância das imagens mitológicas, do folclore, da religião, ela debruçou-se sobre a cultura nacional e publicou também alguns estudos sobre motivos do nosso folclore (Silveira e Mello, 1989).

Somente depois de aposentar-se compulsoriamente, aos setenta anos, organizou e publicou seus livros mais conhecidos: *Imagens do inconsciente* (1981), onde apresenta as histórias que depois se tornariam o filme de mesmo nome de Leon Hirszman, e *O mundo das imagens* (1992).

Em outubro de 1999, aos 94 anos, Nise da Silveira morre de complicações respiratórias, deixando um legado de dimensões sem paralelo na psiquiatria nacional. Impossível sintetizá-la sem prejuízo, de modo que buscamos as palavras-imagem entre aqueles que foram a razão de sua vida: Nise, “Mãe da Humanidade” (Calaça, 2001).

Creemos que esta psiquiatra alagoana, além de representar de forma genuína a criatividade e singularidade das pesquisas brasileiras, tenha sido um modelo de integridade e luta da mulher na sociedade.

Como vimos, resistiu a várias formas de opressão, constituindo um exemplo de luta pelos direitos humanos e pela liberdade. Em suas palavras, “... para lutar contra a corrente são necessárias três coisas: espírito de aventura, tenacidade e paixão”.

Comentários sobre a conferência da d^{ra} Nise da Silveira

A conferência escrita e proferida por Nise da Silveira, ora republicada apresenta o seu trabalho desenvolvido no Hospital Pedro II, em Engenho de Dentro, Rio de Janeiro.

A facilidade com que ela descreve seu método terapêutico revela a maturidade clínica que adquiriu pela sua convivência com os doentes, pois só fala de maneira simples sobre algo difícil quem tem intimidade com o assunto, quem o viveu e o assimilou.

Temos aqui rápidos vislumbres da gama de autores das diferentes áreas da pesquisa que procurou para sedimentar as bases teóricas da TO, área onde sua influência é mais reconhecida. Incansável, buscou na psiquiatria, na fenomenologia, na filosofia, na arte, na mitologia, na literatura, material para compor-se e capacitar-se para dialogar com quem se encontrava inacessível no processo esquizofrênico.

A nós, impressiona que tenha conseguido reunir toda essa gama de influências, sintetizando-as numa abordagem original e que seja, entretanto, tão pouco citada nas bibliografias dos trabalhos de colegas psiquiatras, mesmo por contemporâneos.⁵

Na conferência, d^{ra} Nise chama a atenção para que se considere de maneira aberta a abstração, o geometrismo e a percepção do espaço e do tempo. Ela nos convida a acompanhá-la ao ateliê para ver o que observou. A ponte que usa para atrair o intelecto duvidoso de suas intuições é a fenomenologia, e a visita se revela emocionante e elucidativa.

É sabido que a fenomenologia iniciou um movimento novo dentro da psiquiatria, pois reconhece o papel da subjetividade, da intersubjetividade, assim como a necessidade de se elaborar uma compreensão objetiva. Tenta-se atingir uma compreensão depurada do fenômeno lembrando-se que o significado nunca é atingido em sua totalidade nem é o indivíduo o seu diagnóstico. Desse modo, o caráter, antes considerado essencialmente patológico, das vivências estranhas encontradas na esquizofrenia, como as observadas nas categorias do espaço e do tempo, adquire uma nova compreensão e perspectiva.

O tempo é sentido essencialmente como um fluir, um vetor biológico que vai do início, ou o passado, para o fim, o futuro; enquanto o tempo presente é o da ação imediata. Vivencialmente, no entanto, passado, presente e futuro são experimentados *simultaneamente*, se considerados dentro da trajetória do ser, como a fenomenologia propõe.

Na esquizofrenia, por exemplo, ouve-se relatos de uma “parada” no tempo onde o fluir contínuo se interrompe, não como uma pausa, mas como uma parada definitiva. Daí o desespero.

Não raro, a esperança (futuro) é sentida com o retorno da experiência do fluir do tempo. O “muito tempo” de Fernando Diniz, cujo caso Nise relata na sua conferência, constitui assim a expressão dolorosa de seu ser que se iniciou num

5. Por exemplo, Luiz Cerqueira em seu livro *Psiquiatria Social: problemas brasileiros de saúde mental* (1989), com temas intimamente ligados ao trabalho da dra. Nise, não a menciona uma única vez na bibliografia. Porém, na página 124, escreve: “As oficinas e ateliêes de TO continuam em geral substituídos pelo ‘opróbrio dos pátios’, na bendita indignação de Nise Silveira”.

tempo específico: “... nesse dia um ácido derramou-se em minha vida”. “Muito tempo” é a vivência do limite angustiante, a terrível suspensão entre o ser e o não-ser trazido à tona pela ausência da monitora que se encontrava de férias.

Continuando o percurso dentro do universo revelado no ateliê, vemos então o quanto a percepção do desespero e da situação de desamparo de Fernando pode constranger quem lá entra. A condição psicótica não traz à tona algo que é exclusivo daquele que a sofre, mas o arcaísmo da psique como propõe a psicologia analítica.

Não é fácil admitir que essas angustiantes experiências fazem parte do psiquismo e, portanto, da condição humana. Mas a estranheza não pára aí, ela também atinge a vivência espacial.

Em Heidegger, a espacialidade está constituída como o próprio ser se pensarmos no significado do *Dasein* – literalmente *o ser aí* – cujo existir constitui o espaço e o mundo.

Propomos uma figura para aproximar o conceito heideggeriano com a abordagem por imagens adotada no método junguiano: a forma esférica que representa o *Anthropos*, símbolo da totalidade do ser, similar ao círculo que a d^{ra} Nise observou.

A esfera, enquanto imagem, representa o ser e ao mesmo tempo seu próprio espaço; o ponto central é referência para todas as direções e suas variações possíveis acima, abaixo, à esquerda, à direita, à frente e atrás. A esfera é e se constitui a partir do movimento do ponto central, tornando-se lugar social e cosmos. Ser e mundo numa mesma forma.

Na descrição de seu espaço-tempo, outro doente contou para Nise que estava dentro de uma gaiola giratória, de cabeça para baixo. Assumindo as perspectivas propostas, pode-se sentir o impacto, a angústia, a desorientação, contidos nessa experiência. A imagem é o retrato vivo de sua condição existencial, não é patológica em si. Muito menos é sua experiência desprovida de intensos afetos. Não é difícil entender o aprisionamento de todo o funcionamento afetivo numa vivência particular como a descrita por ele.

Quando a d^{ra} Nise contesta a existência do embotamento afetivo, lança, sem dúvida nenhuma, um desafio psicopatológico que ecoa aos dias atuais. Dalgalarrondo (2000) descreve: “Embotamento afetivo e devastação afetiva é a perda profunda de todo tipo de vivência afetiva. Ao contrário da apatia, que é basicamente subjetiva, o embotamento afetivo é observável, constatado pela mímica, postura e atitude do paciente. Ocorre tipicamente nas formas negativas, deficitárias de esquizofrenia.”

A ousada posição de Nise, contrária ao pensamento vigente, baseia-se na sua obstinada busca da pessoa “por baixo” da patologia, o que – se nos dispusermos a observar, atenta e longamente, o paciente, e o mesmo sentir uma empatia

recíproca pelo “cuidador” – pode vencer a barreira profunda do embotamento que existe, como descreve Dalgalarro, mas não persiste infinitamente, como insistiu a d^{ra} Nise.

Para ela, a estranheza do louco abre uma janela para o desconhecido, para uma outra realidade assustadora, porque é prenhe de outras modalidades de ser e estar no mundo, entendendo agora o mundo não mais como a exclusiva realidade material, mesmo porque a ciência nos fez ver que a nossa idéia da solidez da matéria era uma ilusão.

Interessante notar que, na época de Nise da Silveira, o espaço e o tempo já vinham sendo motivos de pesquisa e considerações na física e nas artes plásticas.

As noções newtonianas do espaço e do tempo foram revistas depois que Einstein formulou a Teoria da Relatividade no início do século XX. Röntgen descobria os Raios X, a radioatividade do tório e do rádio era observada por Marie e Pierre Curie, sem falar em Max Planck, Rutherford, Bohr, Wolfgang Pauli e outros, que demonstraram que no mundo do muito pequeno não se pode predizer (princípio da incerteza) e que a mera presença do observador altera o fato observado!

O mundo ficou “louco”, de cabeça para baixo, pois nessa nova física “... a certeza foi substituída pela incerteza, o determinismo pela probabilidade, os processos contínuos, pelos saltos quânticos” (Gleiser, 1997). A antiga idéia de um mundo imutável, predizível e determinista, caía por terra.

Vale ainda ressaltar que, enquanto as lentes da relatividade e da física quântica revolucionavam as concepções sobre a energia, a matéria, o tempo e o espaço, a arte mostrava sinais de uma perfeita sincronia com a nova visão.

Assim, Picasso negou a concepção clássica das proporções e da organicidade quando quebrou as figuras e o ambiente, e o cubismo, ao facetar o espaço, introduziu o movimento revelando as várias dimensões espaciais, criando uma concepção revolucionária da perspectiva. A abstração e uma desmaterialização ainda maior aparecem nas obras do pintor americano Jackson Pollock (1912-1956) onde não se observa nenhum dado “material”, “mas unicamente linhas de movimento veloz que são acompanhadas de fortes sentimentos de inquietação e conflito, em alguns momentos num clímax de suprema angústia” (Ostrower, 1998, p.122). Interessante notar que a abstração presente na obra de Pollock, longe de ser vista como regressiva, defensiva, comunica o estado de intensa angústia, situação que também ocorre nos quadros psicóticos quando se vivencia a desintegração do ser e do mundo. Se a abstração pode conter essa dimensão na obra de um artista e comunicar estados afetivos de tal intensidade, por que não poderia conter dimensão semelhante na de um doente vivenciando os “perigosos estados do ser”?

“Literalmente, abstrair significa afastar-se, separar. (...) A abstração faz parte de qualquer obra de arte, quer o artista saiba disso ou não” (Janson e Janson, 1987). Ela aponta para uma busca de estímulos não mais na realidade material mas numa outra dimensão, onde o resultado final em nada se aproxima da realidade material, o que pode justificar a idéia de “fuga da realidade” quando se trata das obras dos psicóticos.

Acontece que a abstração não está assim tão longe da natureza. A estrutura espacial de algumas obras, por exemplo, são parecidas com formas encontradas na natureza, comparação que só se tornou possível recentemente graças aos modernos aparelhos.⁶ Mera coincidência? Ou será que as intuições presentes em obras artísticas revelam paralelos ainda pouco compreendidos entre os processos psíquicos da criatividade com as estruturas mais profundas daquilo que se convencionou denominar “realidade”?

A pesquisa de padrões semelhantes observados nos dinamismos psíquicos e no comportamento da matéria foi objeto de colaboração entre C. G. Jung e Wolfgang Pauli (1955). Eles foram inicialmente caracterizados como imagem primordial, dominantes do inconsciente coletivo e, finalmente, “arquétipo”. Jung, ao final de sua vida, formulou a hipótese de que o arquétipo seria elemento estruturador da natureza e, portanto, *também* da psique humana (von Franz, 1974). Dessa forma, se o arquétipo for elemento estruturador comum dos dinamismos que observamos na natureza e na psique será natural encontrar semelhanças entre ambos.

Se aceitarmos a possibilidade das abstrações na arte serem intuições da realidade atomizada, poderemos descrever a abstração esquizofrênica não como um movimento de afastamento da realidade, mas sim como representação da terrível tensão que é experimentar a realidade arquetípica, estrutural, daquilo que chamamos “matéria” e “psique”. Não se trata de fuga, como se houvesse uma “opção”, mas da exata comunicação daquilo que se vive, impossível em linguagem verbal, porém comunicada pela imagem e pelos paralelos que dela nascem. Ao indivíduo não é dada a chance de escolha; ele mesmo é processo e artesão.

Arthur Bispo do Rosário, por exemplo, não dispunha de monitores ou ateliê e compôs, movido por uma necessidade vital, sua obra de reconstrução do mundo (Hidalgo, 1996). Do ponto de vista estético seus trabalhos eram atualíssimos, a ponto de serem comparados aos de Marcel Duchamp, artista que desconhecia.⁷

6. Obras de Braque, Kandinsky, Gorky, Krasner mostram semelhanças com as estruturas de cristais do colesterol, do granizo, cinzas vulcânicas, e “rasgão cintilante num epídoto (mineral)”, (Ostrower, 1998, p. 130-1).

7. Henri-Robert Marcel Duchamp (1887-1968), artista plástico francês que influenciou a arte na segunda metade do século XX, é associado ao dadaísmo e ao nihilismo.

A hipótese do arquétipo como elemento ordenador da natureza abre a possibilidade de se pesquisar mais profundamente o processo esquizofrênico, as produções artísticas em todas as suas variações com o que a ciência vem postulando. Os paralelos são impressionantes e fascinantes.

A psicologia analítica entende que durante a psicose o indivíduo vivencia afetos oriundos das estruturas psíquicas mais arcaicas. Enquanto as imagens que surgem durante a fase aguda sugerem uma regressão histórica, o estudo das séries das imagens que sucedem a fase inicial do surto parecem indicar que o processo psíquico se assemelha a uma tentativa de retorno ao início, e não uma involução, como “uma tentativa de começar de novo”. O círculo é imagem comum nessa fase e parece indicar uma dinâmica de ordem e de síntese que funciona como um “local seguro” dentro do caos da psicose (Perry, 1987).

Na conferência que republicamos aqui, a dra. Nise explica seu encontro com o simbolismo do círculo (mandalas) e deixa claro a tensão que observava entre os elementos “dissociados” e os “sadios”.

A observação clínica mostra que o arquétipo da totalidade estrutura imagens típicas de orientação, chamadas de quaternárias por sua semelhança com os quatro pontos cardeais, e imagens contendo círculos ou esferas que evocam integração e síntese psíquicas, dinamismos também característicos desse arquétipo (Jung, 1979).

A estrutura quaternária é a base de nossa orientação espaço-temporal; enquanto o círculo e a esfera representam o movimento de todo o psiquismo ao redor de um ponto ou eixo central; na esquizofrenia esse eixo estaria rompido. O *self* é, principalmente, o arquétipo da síntese psíquica, razão pela qual observase sua atividade na esquizofrenia.

A síntese, quando é realizada, constitui o refazer do homem, do tempo, do espaço e, portanto, do cosmos. Na condição esquizofrênica ela é potencial, ansiosamente procurada, dificilmente encontrada, por isso a ênfase de Nise da Silveira no método terapêutico, no ambiente e no afeto catalisadores.

Coerentemente, a ^{dra} Nise realizava seu trabalho motivada por intenso amor à pesquisa e ao ser humano. Todo seu trabalho enfatiza o relacionamento afetivo com o doente, toda sua pesquisa visa descobrir o melhor caminho para encontrar o outro. Ao longo de sua narrativa percebemos sua inteligência, seu embasamento teórico e, principalmente, a intenção amorosa

Quando dizia que não observava os doentes sentada em seu gabinete, deixava claro que não havia distância entre sua prática e a psiquiatria que acreditava ser possível. Abandonava todo conhecimento apriorístico diante do outro, postura que ela abraçou corajosamente, sedimentando as bases e um caminho para as futuras gerações.

Finalizando, reproduzimos aqui algumas das mandalas do acervo para apreciação de seu impacto afetivo, ordem, harmonia, e por que não dizer, fascínio e mistério.

Agradecimentos especiais a Luís Carlos Mello, colaborador de Nise da Silveira e diretor do Museu de Imagens do Inconsciente, pela paciência e pronta colaboração no envio do artigo da d^{ca} Nise, sua fotografia e as mandalas do acervo do Museu.



Adelina Gomes (1916-1984)
Óleo sobre tela
39,7 x 58,1 cm
19/7/1966



Emygdio de Barros (1895-1986)
Guache sobre papel
32,7 x 47,7 cm
21/3/1968



Fernando Diniz (1918-1999)
Óleo sobre tela
48,0 x 40,0 cm
19/12/1952



Octávio Ignácio (1916-1980)
Guache sobre papel
32,6 x 47,7 cm
4/7/1970



Carlos Pertuis (1910-1977)
Óleo sobre tela
60,0 x 50,0 cm
25/7/1958

Referências

- AGUILAR, N. (org.) Imagens do inconsciente. In: *Mostra do redescobrimento*. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais/Fundação Bienal de São Paulo, 2000.
- CALAÇA, A. Nise da Silveira: esboço biográfico. *Quatérnio – revista do Grupo de Estudos C.G Jung*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 206, 2001.
- CERQUEIRA, L. *Psiquiatria social: problemas brasileiros de saúde mental*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1989.
- CHANG, F. A Casa das Palmeiras: uma experiência revolucionária em psiquiatria. *Quatérnio – revista do Grupo de Estudos C.G Jung*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 23-8, 2001.
- DALGALARRONDO, P. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- FRANZ, M. L. von. *Number and Time: Reflections Leading toward a Unification of Depth Psychology and Physics*. Evanston: Northwestern University Press, 1974.
- GLEISER, M. *A dança do universo: dos mitos de criação ao Big-Bang*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 306.
- HIDALGO, L. *Arthur Bispo do Rosário: o senhor dos labirintos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- JANSON, H. W. e JANSON, A. F. *Iniciação à história da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JUNG, C. G. *Collected Works vol. 9i: The Archetypes and the Collective Unconscious*. Princeton: Princeton University Press, 1979.
- JUNG, C. G. e PAULI, W. *The Interpretation of Nature and the Psyche*. New York: Pantheon, 1955.
- MELLO, L. C. Nise da Silveira: a paixão pelo inconsciente. *Quatérnio – revista do Grupo de Estudos C.G Jung*, Rio de Janeiro, n. 8, 2001.
- OSTROWER, F. *A sensibilidade do intelecto: visões paralelas de espaço e tempo na arte e na ciência*. Rio de Janeiro: Campos, 1998.
- _____. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- PERRY, J. W. *The Far Side of Madness*. Dallas: Spring Publications, 1974.
- _____. *The Self in Psychotic Process*. Dallas: Spring Publications, 1987.
- SILVEIRA, N. *Jung, vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- _____. *Terapêutica ocupacional. Teoria e prática*. Rio de Janeiro: Casa das Palmeiras, 1979.
- _____. *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.
- _____. (coord.). *Casa das Palmeiras. A emoção de lidar. Uma experiência em psiquiatria*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.
- SILVEIRA, N.; MELLO, L. C. *A ferra do boi. Do sacrifício do touro na antiguidade à ferra do boi catarinense*. Rio de Janeiro: Numem/Espaço Cultural, 1989, p. 127.
- _____. *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática, 1992.
- _____. *Gatos, a emoção de lidar*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1998.